

# MOVIMENTOS SOCIAIS, ONGS E FUNDAÇÕES EMPRESARIAIS E AS PARCERIAS COM A ESCOLA PÚBLICA BRASILEIRA

**Kelly Russo**

Profa. Adjunta FEBF-UERJ

Coordenadora do Núcleo de Educação Continuada – NEC/FEBF

Profa. PPG Educação, Comunicação e Cultura em Periferias Urbanas

# Parcerias e educação: questões iniciais

Movimentos Sociais, ONGs, Fundações Empresariais tem feito parcerias com escolas públicas no Rio. Mas...

Que tipo de parceria tem sido desenvolvida?

Como a escola pública é vista e o que almejam “transformar”?

Como essas parcerias são vistas pelas escolas, pelo SEP e pela SME?

Essas parcerias justificariam a existência de um Estado cada vez menos responsável pela educação pública?

As parcerias entre coletivos e Escolas possibilitam mudanças nos espaços escolares, tornando-os mais democráticos?



# Trabalho de campo

Tentar identificar as relações de parceria existentes na rede municipal do Rio de Janeiro.

Participação na equipe de pesquisa do Instituto Desiderata (2009);

- **Mapeamento na rede:** 25 parcerias apontadas como mais significativas.
- **Análise dos diferentes perfis das organizações e que tipo de “encontro” estabelecem com a educação pública.**
- **Trabalho de campo:** 08 relações de parceria analisadas. Entrevistas aos sujeitos escolares, profissionais de ONGs.
- **Percepções sobre os discursos e ações da SME (Claudia Costin) e do SEPE (observação e entrevistas).**

Recuperação dos dados provenientes da pesquisa do Instituto C&A (1999);

Participação de todas as etapas da I CONAE (municipal, estadual e nacional).



# “ONGs” e a (in)definição de um termo

- O termo “ONG” foi utilizado pela primeira vez em 1946, cunhado pela ONU depois da Segunda Grande Guerra. Denominava as organizações que atuavam internacionalmente, sem passar pelo crivo dos Estados nacionais.

No campo educativo brasileiro representaram uma presença fundamental de resistência ao modelo ditatorial de governo, tecendo alianças com movimentos populares.

No campo educativo brasileiro: **deixam de atuar à margem da rede pública de ensino para trabalhar diretamente na escola pública.** Formação ou capacitação de professores, produção de materiais didáticos, realização de pesquisas e projetos que dão suporte à políticas públicas no setor, entre outras ações diretas.

- Anos 2000, escassez de recursos da cooperação internacional e restrição da atuação das ONGs. **No Brasil, maior dependência de financiamentos provenientes do Estado e de empresas.**

**Campo heterogêneo**, composto por organizações de diferentes perfis que precisam ser melhor analisadas para escaparmos de definições gerais que mais atrapalham do que ajudam no processo investigativo.

# O que é uma ONG?

ONG não é pessoa jurídica. No Código Civil brasileiro apenas associações, sociedades, fundações, organizações religiosas e partidos políticos são.

*ONG é a denominação dada a qualquer grupamento social (reunião de pessoas, ou destinação de bens vinculados a fins coletivos pré-determinados) que seja institucionalizado e não governamental.*

Resende (2006)

<b>Movimentos Sociais</b>	<b>Organizações Não-Governamentais</b>
Não são institucionalizados	São institucionalizadas
Possuem fluxos e refluxos e podem ter ou não, estruturas funcionais e burocráticas.	Precisam ter burocracias internas e estão preocupadas em desenvolver sempre novos projetos.
São aglomerados polivalentes multifuncionais e não precisam se preocupar em prestar contas de suas ações e recursos.	Desenvolvem suas atividades por projetos, precisam ser “eficientes operacionalmente”, fazer balancetes e prestar contas aos financiadores.
Suas ações são organizadas mais pela lógica da militância do que pela lógica racional/estratégica de permanência.	A lógica que preside a ONG tende a se basear na ação racional/estratégica de continuidade, por terem um quadro fixo de funcionários e atuam de modo pró-ativo.

# Novos termos nos debates

Novos atores coletivos entraram em cena na educação pública durante a década de 1990:

**Filantropia empresarial:** ações de caráter assistencialista, organizadas por empresas, sem demandarem gerenciamento continuado ou uma maior integração com outros sujeitos sociais.

O Grupo de Instituto, Fundações e Empresa (GIFE): 73% dessas organizações disseram ter a área de **Educação como prioritária**. Chegaram a investir mais de um bilhão de Reais em áreas sociais (IETS, 2005).

Sua redução contribui para fortalecer uma ideia superficial de que *todo* tipo de participação colabora com a cidadania. Uma cidadania que se restringe à participação, à solidariedade, mas deixa de lado as questões da universalização dos direitos.



# Tipos de ONGs

Com base em Teixeira (2003):



1) **organizações de “assessoria e apoio”** a serviço dos movimentos populares, os centros de educação popular criados desde os anos 1960 e que se transformaram em ONGs (Landim, 1993).

2) **organizações surgidas no final da década de 1980**, na defesa de novas bandeiras de luta (ambientalistas, de apoio a portadores de HIV, pela ética na política, entre outras).

3) **empresas e fundações empresariais** que começam a ganhar espaço a partir dos anos 1990 (algo praticamente inexistente no país até então) e passam a se autodenominar ONGs ou Terceiro Setor.

4) **entidades que se reconheciam anteriormente sob a denominação de filantropia** e que também adotam essa expressão não-governamental ou são assim denominadas por órgãos de governo ou imprensa.

# ONG, Estado e Sociedade Civil

Além dessas tipificações sobre perfis de ONGs ou de organizações sociais reconhecidas sob este termo, Teixeira (2003) também identifica a existência de três tipos de “encontro” entre ONG e Estado brasileiro:

**A) Encontro pressão:** caracterizado como uma relação que envolve, por um lado, pressão, monitoramento e crítica por parte da ONG, e por outro lado, proposição, colaboração e acompanhamento dos passos dos órgãos do governo.

**B) Encontro prestação de serviço:** o Estado se relaciona com a organização como se estivesse contratando os serviços de uma empresa, seja para fazer consultoria, seja para contratar um serviço específico.

**C) Encontro participativo:** consolidação de um projeto elaborado conjuntamente entre poder público e ONG. A ONG participa da elaboração e execução dos projetos de maneira efetiva: há vínculos formais estabelecidos, acompanhados por um maior compromisso do órgão governamental.



# Trabalho de campo: municipal RJ

Origem, perfil e ações das ONGs parceiras na educação pública:

- Perfil das ONGs: **48% ligadas a empresas; 28% defesa de questões específicas; 16% assessoria e apoio; 4% instituições de filantropia; e 4% universidades privadas** localizadas próximas as escolas municipais.
- Em quase todas as parcerias: **projetos desenhados originalmente pelas organizações sem participação dos sujeitos escolares**, que terminam contribuindo no decorrer do projeto original (exceção: uma empresa).
- Perfil de “encontro” (Teixeira,2003): **nenhuma mantém um “encontro parceria”**, ou seja, algum diálogo mais duradouro com a gestão pública.
- Com exceção de uma ONG (empresa), todas **“encontro paralelo ou parcial”**: **desenvolvem ações específicas nas escolas, dentro de suas áreas de atuação**, sem interlocução direta com CRE ou poder central, e algumas vezes, com pouco diálogo com a equipe pedagógica da escola.
- **Não é uma prática institucional a participação em espaços de discussão de políticas públicas** no âmbito municipal ou em instâncias de controle social (como Conselhos ou fóruns locais ou nacionais de defesa da escola pública). Atuam em espaços de causas específicas. Apesar disso, **16% citaram seu interesse em “influenciar políticas públicas”** para o setor.

# Trabalho de campo

## As diferentes visões sobre parceria público-privada

- **SME:** parceria não é concebida como possibilidade de implementar políticas públicas de forma conjunta entre Estado e SC. ONGs tratadas como “fornecedores” ou “profissionais que efetivam tarefas”, responsáveis pelo que é “artesanal” ou “diferenciado” na estratégia desenhada pelo poder público. Ênfase no trabalho voluntário e restrição do dever do poder público.
- **SEPE:** tem se posicionado fortemente contra as reformas. Parceria visto como “privatização branca” e desresponsabilização do Estado. Visão estritamente negativa sobre a ação das ONGs, dificuldade de diálogo com a própria categoria (pouca penetração entre os profissionais da educação).
- **Sujeitos escolares:** distanciamento do debate político-ideológico presente. Parcerias positivas porque “ajudam” em uma realidade de muita “carência” e apóiam a formação profissional insuficiente; mas sinalizam tensões na relação com ONGs (dois projetos pedagógicos presentes na mesma escola; pouco diálogo com a equipe da ONG e a oferta desigual acentuam desigualdades).
- **ONGs:** a escola se fecha em sua próprias práticas e tem pouca abertura para a comunidade ao seu redor (e ONGs). Parcerias favorecem o empoderamento de professores, familiares e alunos, cria “espaços de resistência”. Escassez de recursos internacional, parceria com o Estado: posição ambígua é assumida, mas ainda não encontraram saída. Poucas mudanças na última década.

# ESCOLAS: opiniões sobre parceria

08 escolas com mais de mil alunos matriculados: todos os segmentos de EF (algumas com EJA turno noturno) e em diferentes regiões da cidade (áreas nobres e outras em espaços considerados de maior vulnerabilidade).

*Parceria virou um grande guarda-chuva. O que significa essa busca de parcerias para a educação? Elas vão variar? Porque tem que variar, porque cada escola tem um contexto muito particular, não se pode pensar em um mesmo tipo de parceria para toda a rede! E antes da parceria, é preciso antecipar uma discussão sobre onde a escola quer chegar. Uma coisa é a parceria que complementa o projeto pedagógico da escola, outra coisa é um projeto X que busca a parceria para aumentar três horas do horário das crianças, mas quando foi questionado sobre onde aconteceria esse projeto, a Secretária responde: 'no terraço de alguma casa, de algum vizinho', ou seja, a gente tinha que se virar em espaço e estrutura para que o projeto acontecesse. Isso não é uma política pública! (diretora EM2)*



# ESCOLAS: tensões

*A relação com os parceiros não é tão fácil. Nesses anos todos, tivemos muitas parcerias. Muitos chegaram aqui com uma postura meio... O discurso era humilde, mas na prática 'somos educadores, não somos professores'... Nós também lemos Paulo Freire, sabemos que educador não é o mesmo que professor, e por que eles faziam questão de se diferenciar dessa forma? (...) Eles têm o projeto deles, mas a gente sempre tenciona, quer saber, provocar a discussão para encaixar o projeto deles com o nosso. Não é muito fácil... A gente tem fama de ser arrogante, porque a gente defende essa idéia: se está na escola, tem que contribuir com o projeto pedagógico da escola! Então, apesar do projeto chegar pronto, sempre tem que ter diálogo para ir construindo e mudando temas, abordagens, conteúdos durante o processo e conseguimos isso com as ONGs que ficam, porque aquelas que não têm esse jogo de cintura para negociar, não dá para contar como parceira. (diretora EM2)*



# ESCOLAS: pontos positivos

*Fortalecer espaços de debate e reflexão entre professores e equipe pedagógica, incentivar o uso de outras linguagens e melhorar a relação com os estudantes, entre outras contribuições::*

*Quando a parceria foca o professor e não tanto o aluno, esse espaço de reflexão [centro de estudo] rende muito mais. A partir dessa parceria, as nossas reuniões pedagógicas passaram a incluir questões difíceis para os professores, porque não foram parte de nossa formação e nem de nossas preocupações cotidianas. A ONG nos ofereceu o embasamento teórico e os materiais que precisávamos para sensibilizar a equipe para temas como as relações étnico-raciais, a desigualdade entre gêneros, o preconceito, a discriminação, a homofobia... (...) A [profissional da ONG] consegue provocar de um modo muito interessante, a reflexão do grupo sobre essas questões, que nós aqui dentro não conseguiríamos. Isso fortalece o comprometimento dos professores, melhorando suas atividades e isso fica para a melhoria de qualidade da escola. (professora, EM3).*



# ONGs: opiniões sobre parceria

Em relação as ONGs, foram entrevistados 14 pessoas, sendo um coordenador e um educador de cada uma das sete organizações não governamentais que desenvolviam parcerias com escolas públicas

02 mantidas por empresas ou fundações empresariais (empresa alimentícia e indústria farmacêutica),  
01 filantrópica (religiosa),  
01 assessoria e apoio (integração escola comunidade),  
03 questões específicas a partir de uma origem mais ligada a movimentos sociais na sociedade (arte-educação, educação em direitos humanos e democratização dos meios de comunicação).

Grupo heterogêneo. Empresarial ação mais pontual de acordo com as necessidades – estruturais – da escola, menor os conflitos. Não existem dois projetos pedagógicos presentes na escola.



# ONGs: tensões

Foi possível perceber a co-existência difícil entre dois projetos pedagógicos e as múltiplas tensões presentes na ONG:

*As tensões nessa parceria sempre existem, o que muda é a intensidade a partir do contexto das próprias escolas. Por exemplo, eu tenho muitas brigas com a diretora de um CIEP porque ela tem como característica ser muito ligada nas questões pedagógicas da escola e quer influenciar o modo como desenvolvemos as nossas atividades. Acho muito bom essas brigas, porque crescemos muito com o projeto por conta das discussões com ela, mas tem coisas que não mudamos porque faz parte de nossa missão institucional. Em outra escola a gente tem uma direção e uma equipe pedagógica muito menos ligada às discussões pedagógicas, então a nossa relação é menos tensa, mas essa direção é bastante ausente. (...) Nessa escola a gente faz o que quiser lá dentro, no CIEP não. E isso é muito estranho, porque a gente sente um “faz por mim” que também não é muito legal... O que também nos gera uma tensão, um desconforto nessa relação (ONG comunitária).*

# ONGs: jeito “escola” de ser

*Quando você começa a fazer um trabalho diferenciado as escolas acham que nós queremos “invadir” o espaço delas, então, precisamos explicar muito bem qual é o nosso objetivo, que é fortalecer o trabalho educativo, nunca fazer essa separação, para que essas crianças tenham um estímulo maior com o aprender, para que eles não vejam a escola como uma obrigação chata. (ONG filantrópica).*

*A gente desenhou um projeto que visava uma intensa parceria com uma escola pública para atuarmos mais diretamente no processo de letramento das crianças. (...) quando a gente chegou à escola a primeira coisa que chocou foram os murais: as professoras vão até o centro da cidade e compram bonequinhos emborrachados (todos brancos, loirinhos e olhos azuis!) (...) Mas a escola tinha um percentual grande de alunos negros ou pardos, como eles não estão nesses murais? Diferenças também na lógica da aula muito dura: “menino, não faz isso!” aos gritos, a professora não mudava seu esquema de dar aula escrevendo na lousa... A partir do momento que a gente chega a gente se incomoda, causa tensão (ONG Arte Educação).*



# ONGs: tensões Estado

*Precisamos ficar atentos aos limites dos projetos educativos desenvolvidos. Trabalho comunitário é um trabalho de luta e de resistência.*

Diferente dos sujeitos escolares entrevistados, os profissionais das ONGs tinham muito claro as tensões de sua existência. Refletiam sobre os significados do termo parceria, do que seria a obrigação do Estado e o que seria o papel das ONGs e as tensões que existem por ocuparem um lugar tão difícil entre o que é direito e o que é complemento na área da educação.

*a gente entende que tem um espaço aí que a gente não pode abrir mão para fazer valer algumas questões que a gente acha fundamentais, até mesmo para poder mobilizar as pessoas para se organizarem para poder cobrar do poder público essa função (ONG educação em dh).*

# ONGs e educação: relações complexas

Longe das generalizações que fazem das ONGs ora executoras de uma inócua política de contenção de pobreza, ora sujeitos fundamentais de uma sociedade civil sempre virtuosa e democrática, é preciso aprofundar o debate para tornar visíveis as complexidades inerentes ao universo de ação das ONGs no campo educativo.

As parcerias identificadas nesse estudo apontam pouco ou quase nenhum diálogo mais duradouro entre as organizações não-governamentais, a gestão pública e as equipes escolares para elaboração e desenvolvimento de projetos conjuntos que visem mudanças mais estruturais da educação.

públicas para o setor.

# Algumas referências

CAMBA, Salete Valesan. ONGs e Escolas Públicas. Uma relação em construção. Dissertação apresentada ao Departamento de Educação da Universidade de São Paulo, 2004. **Internet.**

GOHN, Maria da Glória. GOHN, Maria da Glória. Os Sem-Terra, ONGs e Cidadania. Cortez: SP, 2003.

LACERDA, Patrícia Monteiro (organizadora). Parcerias com escolas municipais do Rio de Janeiro 2009. Rio de Janeiro: Instituto Desiderata, 2009. **Internet.**

OLIVEIRA, Anna; HADDAD, Sérgio. “As organizações da sociedade civil e as ONGs de educação”. In: Cadernos de Pesquisa, nº 112, p. 61-83. 2001 **Internet.**

TEIXEIRA, Ana Claudia. Identidades em construção: Organizações Não-Governamentais no processo brasileiro de democratização. São Paulo: Annablume, 2003.



**OBRIGADA!**

**Kelly Russo**  
**FEBF-UERJ**

**[kellyrussobr@gmail.com](mailto:kellyrussobr@gmail.com)**